

Cristina Carvalho · José Manuel Castanheira

fabulário

ou



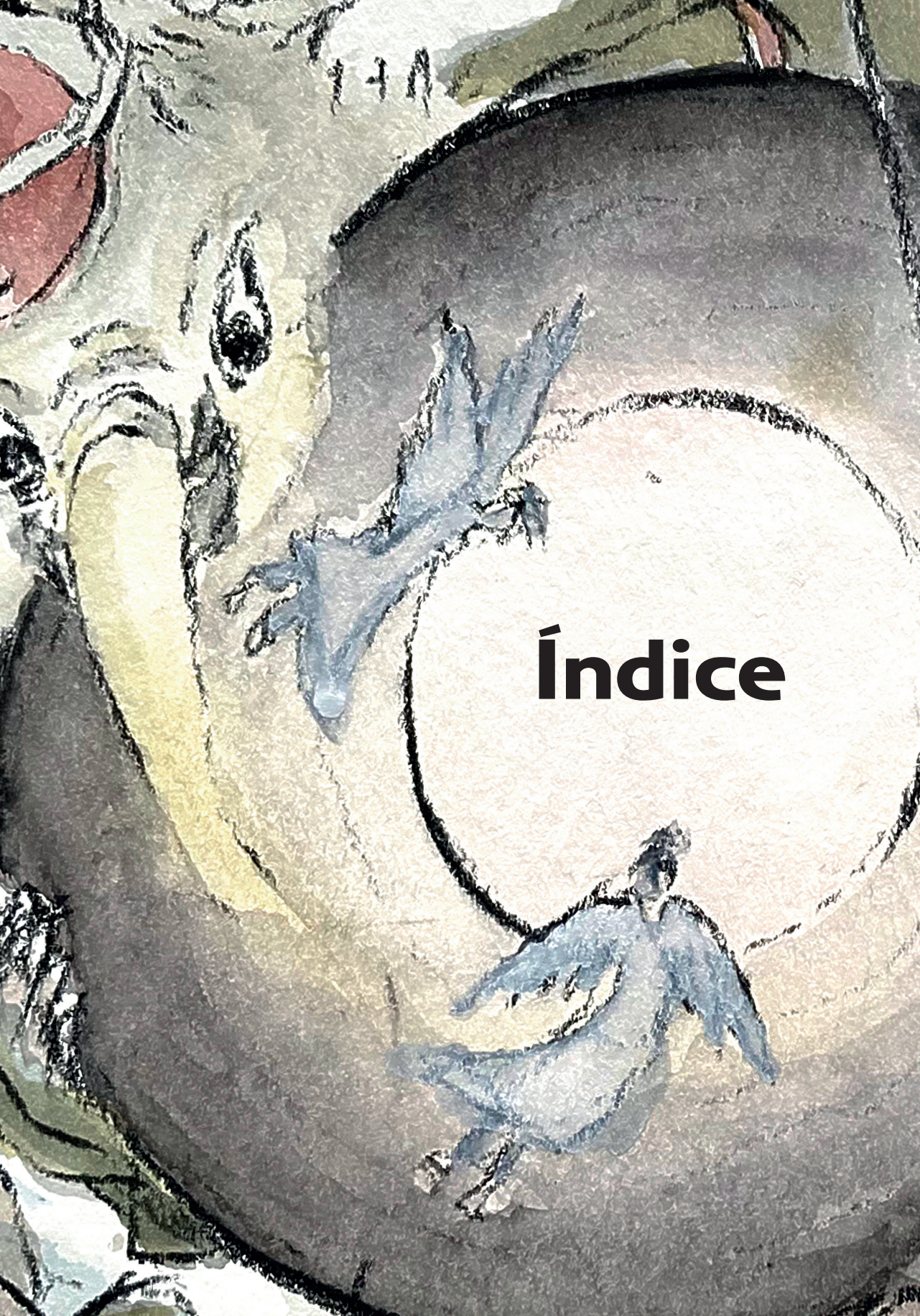
o

pequeno



circo do

mundo

An abstract painting featuring a large, textured white circle in the center. Two blue, bird-like figures are depicted in flight, one above and one below the circle. The background is composed of various shades of grey, yellow, and red, with thick, expressive brushstrokes. The word "Índice" is written in bold black text across the white circle.

Índice

1. Recordações do professor Lidenbróquio na cratera cada vez mais doce **9**
2. Nacubodolores e Papamundos **13**
3. Natália Pietá, a princesa no mundo dos espanadores **17**
4. A solidão de Abílio Doravante nas ruínas de Macondo **21**
5. O jardineiro Pinguinhas e a reviravolta da Maria Celeste **27**
6. Roma Palafítico é o dono da bola **31**
7. O professor Vladivostóquio escondido atrás das possibilidades **35**
8. Milancolia Cienfuegos, colecionadora de mundos muito esquecidos **39**
9. O professor Mongólia e o segredo do candeeiro mágico **43**
10. Cacheno e Caniça, mestres fogueteiros chamados à pressa p'ra iluminar almas **49**
11. O gato Faustroll e seu esquisitómetro, analista dos viciados em coisas esquisitas **53**
12. Picaluas, enfermeiro em pleno assalto oxigenado **57**
13. As lições de filosofia do barão Lola Ponteagudo Segundo **63**
14. Sobrevivente Umberto e o segredo da pérola esquecida **67**
15. Walter Maravilha sonha com buracos negros **71**
16. Sebastianno Medieval na vigésima primeira cruzada digital **77**
17. Popov e Escher de férias na máquina de engolir mundos **83**
18. Alice Prantilhadora, escondida atrás do palco, estuda o equilíbrio do mundo **89**
19. John Equilibrilho perdidamente sempre em pé nas bolas de sabão macaco **93**
20. O Malfagato astuto baldou-se ao número da morte e surriprou a coroa à rainha **99**
21. Verne e Gedeão na barca filosofal para mais uma tentativa do movimento perpétuo **105**

fabulário
ou o
pequeno
 circo do
mundo



1

**RECORDAÇÕES
DO PROFESSOR
LIDENBRÓQUIO NA
CRATERA CADA VEZ
MAIS DOCE**



Ea questão, meu caro Porco, é que mesmo com este meu mundo, o meu mundo particular adocicado, meloso, atractivo, apesar de todas as maravilhas, vejo-me em sérias dificuldades para nele penetrar como gostaria. Continuo, pois, à boca da cratera.

Já fiz de tudo!

Já fui homem, já fui lobo, já fui cão e já fui pássaro; aprendi com bastante dificuldade a exprimir-me nestas línguas todas, a de cão, a de lobo, a de pássaro e, na verdade, continuo a falar como se tivesse a língua cortada ao meio. Ninguém me percebe.

Vejo que me espreitas a partir de um ponto longínquo, lá no Universo. Com os teus braços redondos, agarras e abraças o nosso querido planeta Terra e pões os teus olhinhos oblíquos, delicodoces, espriados por toda a nossa superfície arredondada, enquanto eu te observo e penso que no fundo, no fundo és capaz de ter razão... Um simples porco a conseguir chegar onde eu, homem, não chego? Um simples porco a descobrir a caverna? Ainda assim, eu, evoluído, aconchegado nas minhas roupas, evoluído no meu cachimbo que me confere um ar sério e sabor; evoluído, pois uso óculos que me fazem ver melhor, uso chapéu, caço para meu sustento – e isso sempre foi assim, caço para meu sustento –, exibo

gestos comedidos. Não sou como tu! Não tens nada disto e abres esses braços suínos, cor-de-rosa, arremelgas esses olhinhos oblíquos que nem se percebe se vêem ou se contemplam e, num amplexo enorme, rodeias a tua, a minha, a nossa Terra.

Para que me serve, então, o meu saber? E o meu cachimbo ou o meu pequeno chapéu que me faz ficar parecido, para sempre, com uma criança ingénua e ainda ignorante? E os óculos? Meu Deus! Os óculos para ver melhor servem para alguma coisa? Se tu não tens nada disto, ó Porco, e me garantas que irás viver para sempre aqui neste espaço indizível, tu!, sem nada saberes, com esse ar irritante, inabalável – nem sequer te dignas a reparar em mim, será preciso respirar para cima da tua cabeça, ó Porco, para que repares em mim, aqui sentado a espreitar para o fundo da caverna, a ver o tempo passar?...

Porco, vou contar-te uma coisa.

Ouve,

Naquela noite, estávamos todos – eu, tu, cães, lobos –, todos em grupo, todos reunidos em círculo à boca da nossa caverna. Nada existia ainda. Nem países, nem casas, nem ruas, nem cidades, nada, nada do que está hoje de pé e anima ou desgraça este planeta. Eu, com esta aparência, já existia e outros seres parecidos comigo, mas sem chapéu, nem óculos, nem roupa, nem cachimbos. Eram seres,

sim, parecidos comigo, uns maiores, outros mais pequenos. E aqui estávamos, em grupo, sob um céu igual ao de hoje, cheio de estrelas brilhantes, e esse corpo esbranquiçado e redondo, longe, muito longe, por cima de nós sempre a iluminar a nossa caverna e a entrada da cratera. Assim vivemos por tempos infinitos, todos à boca da caverna a ouvir outros porcos como tu a grunhir, os cães a barulhar, os lobos a assobiar para o alto e ainda muitos outros seres sem nome. E todos segurávamos um pássaro morto atrás das costas. Era o nosso alimento desses tempos impensáveis. Isso ficou gravado, riscado, desenhado – o que quiseses – nas paredes da caverna.

Depois fomos assistindo à morte uns dos outros e essa altura não existia. Tudo parava à nossa volta. Iam caindo na cratera, não é?

E ainda depois e depois e depois o céu da noite tornava a aparecer com os seus astros e corpos brilhantes por cima de nós.

Até que tu, Porco, às tantas, desististe. Apertaste o planeta, abraçaste-o tanto e tanto, esmagaste-o de encontro ao teu corpo. Os meus óculos embaciaram-se e deixei de ver com nitidez. O meu cachimbo apagou-se. Ainda e mais uma vez, para me aguentar, tive de comer o pássaro que trazia colado na minha mão esquerda, já um tanto apodrecido.

Por detrás das lentes dos óculos, os meus olhos estavam bem abertos e olhavam-te, Porco, com uma expressão sem significado.

O mundo, naquela altura, deixou de ter qualquer valor para mim.

Mas tu continuavas a abraçá-lo com braços amplos e mãos afectuosas.

Nunca te percebi.

Que mundo era esse que eu, apesar de tudo, não conheci?

Afinal...



